

DESTINOS INCERTOS

Livro 29

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação

**À Gilberto Strunck
pela dedicada colaboração
e incentivadora amizade.**

Roberto Curi Hallal

Roberto Curi Hallal



TROCA DE ENDEREÇOS

Arremesso um amor ousado, pondo minha vida em perigo. É minha última tentativa para que ele não escape, fingindo presença. Se tiver que abalar o silêncio indiferente, grito, combato a subtração, a fuga furtiva, dou nó até desatar de vez; prefiro as fugas abertas, manifestadamente postas sobre a mesa, escancaradas; desenredo as ataduras, escavo as memórias conjuntas para partir com as contas em dia.



ATÉ AS RAIZES

Farto, calado, ocupado até as raízes, abandono o lugar onde me encontrava só. Entrei sem saber que sairia recíproco, quebrando exílios mal determinados na madrugada da vida. Tanto insisti na obrigação de reunir-me, que ensaiei outras complicações para a quietude que me cala a vontade de desatinar.

ESCORRO MEUS MEDOS

Entrar na realidade precede meu sonho. Dentro de mim não cabe o que respiro, outra vez brilha outro início, fez-se verdadeira a merecida coragem de mudar o dia, erguer o voo, me atar ao leme como salva-vidas que me leve pela mão na escuridão, intervalo da luz que divide minha loucura e minha omissão.

Recuperados o próximo e o remoto, não há mais espaços disponíveis, tento encontrar motivos, venho até aqui, acalmar meus medos.



O QUE ME IMPORTA

Coisa que não tentara: trazer para dentro, dentro do prazo, uma comovente saudade que habilitasse interesse, uma importância de olhar nos olhos, deixando os transtornos de lado; importar-me com coisas que valham a pena.

NÃO HÁ SENTIDO

Percebi as coisas pelo sentido da surpresa, ela apareceu por aqui como algo não mencionado, como um complemento adicional, para evitar sair do ponto de encontro, uma simples espera. Não foi para cobrir, subverter, substituir, simplesmente apareceu, aproveitou a ocasião, exaltou o tempo disposto a novos movimentos, nada tinha uma coisa com a outra, nem interesses recíprocos, mínimos esforços conjugados, suspensos em razões impalpáveis. Não nos afastaram mais, armaram sem saber a chave que abriu a porta da inocência. Parou-se-nos o pulso, o tempo, parou a hora, parou o sol esperando, suspenso, a descida da lua e da luz na montanha. Parados no nada, acompanhados do desconcerto, temerosos, ficamos informando o dia seguinte da desconcentração prevista, da falta de coragem em prestar socorro à ansiedade, estendida entre querer e não querer deixar passar a ocasião. No fim da tarde, acabada a autorização, os pássaros se recolheram, o tempo seguiu passando para divertir as margens e o centro. Olhamos o leito do rio onde viceja a verde vida, vimos acender as luzes da pequenina casa em benigna condição, ficou fácil e gostoso. Seguros

pelo encantamento, não pudemos dizer-nos adeus. Caprichosamente, guardamos a pausa e o silêncio, as pequenas adesões, não pedimos coisa alguma.



ENCANTADOS

Os rostos, embora com marcas, permanecem intactos, caminham lado a lado, em silêncio, entregam-se a um ritual de carícias, como se reencontrassem em cerimônias de reconhecimento e troca, num acréscimo de desejos. Nada é mais hábil do que eles para guardar o encanto sensível das doçuras do amor. Parecem cumprir um ritual de guardar tesouros para evitar algum destino que não legitime suas conquistas.

ESSE QUE EU SOU

Sai aos borbotões como sangue fresco esse sentir que ficou preso dentro de mim, impondo sua força cruel e apressada, inocente, criança, consumindo toda a comoção guardada. Choro todas as ausências, todo o passado, todos os que foram levados, os golpes mortais, as traições, as desapareições, as mutilações, os ímpetos furiosos, calados, empurrados, evitados. Um raio caiu no meio dos meus abraços, a vida deserta pede tempestades, novos amores repetem as decepções, amo da mesma maneira, faltam-me inovações, cumpro até o fim o mandato aprendido, cultivo o que temo, faltam retornos, pago o preço que me cabe, busco e arranco amores que não me foram oferecidos. Com o tempo, os suportes se corroeram, me rendo à dor, resisto, faltam oportunidades. Fujo desta consciência, fujo de mim, ausento meus olhos, decoro socialmente a tristeza para que pareça cansaço, me esforço para não suplicar ser o primeiro, invocar esse direito, conter esse descomedido ciúme que me tira a paz e que, por sua fúria, não consigo domar. Falta-me resignação.

PILARES

Sofro um pesadelo de espera, exilei-me para que aparecesse esse forte sabor da vida que toma conta de mim. Levo as poucas palavras que, ditas, causaram o sentimento da agonia. A paz não é possível enquanto sou aquele solitário que ama. Sendo o amor não linear, confuso, concentrador de energias e atenções, exige presença forte em toda a minha vida íntima. Olhando o impossível, desejo coisas que ninguém me pode dar. As raízes dos meus sentimentos necessitam silêncios cristalinos, uma fonte duradoura, um depósito de recordações, sonhos como pilares da vida. Tenho minhas entranhas ocupadas pela intrusa alma que converte em ser a carne que não vê longe. Sofro o espanto sentido por todos os afetos definitivos.

DAS INCLINAÇÕES

A distância aposenta os interesses. Tento satisfazer sedes adiadas, reeditar ares guardados, indulgências, renunciar a promessas. Apaixonei-me seriamente pela vida, o que me permite sentir de todas as maneiras os juízos, os prejuízos, as condenações, as paixões, seja como for, todos os amores, as ilusões, ter sonhos, ser rico por ter olhos que me fazem ver tudo o que existe na natureza, as inclinações das águas e das árvores.



QUERO SER

Quero ser um homem como os outros, aceitar os vazios, rechaçar as frases feitas, abrigar uma alma intensa, acostumar-me à angústia constante, ter revoltas que valham a pena, diminuir o peso, as culpas, dirigir o farol, alimentar tudo, amar pelo direito e pelo revés, exilar-me com direitos e gritar as ofensas. Sofrer com a morte dos meus queridos, não temer a minha, passar os olhos pela beleza e deixar rastros silenciosos, certos. Quero palavras novas, morrer de uma velhice longa,

inteiro ou não, importando que um último neurônio me permita assistir a um pássaro que voa e a uma declaração de amor sincero. Quero horas animadas por um insolente desejo que não aceita idades. Quero ter um domínio de músculos, ossos e condutas, poder dizer de minhas aceitações e recusas. Dar bom dia ao mundo e não dispor da paciência para tormentos e ameaças. Ainda sigo à espera de ter valido o amor, apesar de esgotadas as fontes e quaisquer condições.



SEJA

Seja minha cúmplice, renove meus sonhos; peço-te palavras que se movam. que brinquem. Abandonados os ritos, inventaremos novos amores. Orientados os desejos e as ternuras e as tentações desbordadas se acalmarão. Pendura na minha vida tuas madrugadas. No teu dia, prepares teu retorno para dizer-me que o nosso amor é uma âncora mais que uma rebeldia, pede para ele seguir vivendo inteiro, não aos pedaços. Peço-te que façamos nossa história viva.

EU SOBREVIVENTE

Clandestino, sobrevivente, espero um sinal de amor ainda que seja o último pássaro que me leve a passear por aí, onde tenha muita vida, inspirações, gente alegre e que ria, que olhe de frente, que faça livre poesia, dando sua cara à frente e a mente à ambição. Não quero ir-me bem acompanhado com a morte posta. Quero declarar-me de todas as maneiras, olhar como inversão, contar histórias a minha maneira, declamar a pedido até cansar-me de tanto falar, até chegar ao murmúrio.



CHAMAMENTO

Tenho chamado a tolerância e a inocência para que eu possa aceitar, com um simples gesto, aproximar-me dos velhos sonhos, ultrapassar os golpes, fazer coisas evitadas, todas as declarações, chorar sem motivo aparente, ver sem pedir, sem gemer, até rir-me

da própria vida, chorar fundo pela infância perdida, levá-la a passear antes e depois de estar triste, apoiar-me na esperança, editar a ternura, sair do escuro. Deixar chover avós, mães, tias, transformando as ruas esquecidas em caminhos recuperados, e ainda que tonto ver a enorme vida que, gritando, sai de mim para ficar na boca, nos olhos, nas mãos, nas saudações, nas lágrimas, para ficarem comigo todos os dias.



TANTAS AUSÊNCIAS

Aquela tarde chorei todas as ausências, o tempo de todas as despedidas. Andei revolvendo a vida em busca de leveza, como o sonho da boca ardente, o desejo inocente, o sabor do pão, a doçura da palavra despachada, vocal ou escrita, convertida em vestimenta da verdade ou da mentira, nascidas da mesma magia.

CONTÁGIOS

As dores por contágio atingem. Fazem ver a perda imediata de certas decisões se a alma não informa ao corpo. Aceitar-me admitido exige opinião inteira, uma alma que se proponha inquilina, apta para atenções menos passageiras. Encho de inspiração o pudor fazendo-o valer mais do que a ruga, dou sentido às marcas do tempo que insistem em fazer história na minha pele.



ABRO MEU CORAÇÃO

Reintroduzo a poesia em minha vida, torno meu coração um território habitável, livre e digno à recepção. Lanço todos os ciúmes numa luta de preservação louca, carregado de dúvidas, tensões, consagro uma fascinação selvagememente proprietária. Sinto-me saído da caverna, vivendo uma constante aventura indefinida. Depositei a paz em outro lugar, ando de braços abertos ao incerto, à aceitação da falibilidade.

As únicas fontes que me constam como água, pedra e rio.. Invento totens, amo deusas, reverencio delicadezas e gentilezas, desdubro o empenho e a razão para que, unidos, sigam dando-me a versão poética da vida e um caminho que se revele suficiente para minha loucura e minha coerência.



RETOMO

Retorno depois de longo tempo, não disse tantas palavras, meus motivos. As presenças me desconcertam porque me acostumei a falar sozinho. Penso nas atitudes, na simpatia alegre que me renova, reencontro-me exaltando o ânimo. Quando sinto a solidão é porque nada me acolhe nem me alcança.

Quase que diariamente acontece, espero uma transição entre o doador e o receptor. Uma voz nova soe devolvendo-me um sol quente que me faça saber que nem tudo passa e que há que ser guardado porque o que foi, voltará.

O CAMINHO DO FUTURO

Cruzo o relógio em direção a um encanto fiel e obediente. Desconheço o caminho do futuro, transformei as despedidas, as fiz encontros, abraços de chegada, ainda não invento amores, há tantos, poucos que sobram, existem vestígios, embora não sejam espontâneos. Ficam todas as marcas, rastros, poemas, ensaios, canções, aromas, retratos, guardam o volumoso gozo.



TENTO A SUAVIDADE

Fico suave como a esperança. Emudeço o meu coração. Busco melhoramentos. Pior o que resta.

O ABRAÇO DOS TRISTES

Os ásperos abraços nos abalam. Tratamos de guardar o que restou do amor que não insistiu em ficar. Presenciamos logo o que iria acontecer, percebendo aqueles segredos que põem fim ao amor. Vencidos, desacreditados, cedemos. Vergados com o peso dos motivos, versamos sobre o assunto do adeus, as lágrimas vertidas gota a gota sem freio, imensas, choramos pelo vivido, pelo disfarce, pela paralisia, pelo fracasso. A presença que vigia a dor de longe desassossega o espírito.

Sinto o mal no fim da jornada. Dispondo de pouco empenho para sair e para seguir, começo a entender imperfeitamente que o que era para ser eterno pouco durou.

SERVIL

Persiste uma dor espessa que atravessa o espaço que dela me separa. Vivo meus próprios sonhos em suas breves ausências, insistentes, desaparecidas.



DISCRETAS PALAVRAS

A linguagem das palavras discretas era o único eco do passado. Disposto a que se cumpra a escuta com igual ordem, acerco-me como posso do que anima, tenho que repartir os afetos mais desfavoráveis. A tristeza da minha voz diz o quanto eu sofro, antecipando os tristes acontecimentos que me proponho anunciar. Desperto um triste pressentimento inclino-me num tom quase pungente enquanto meus olhos marejados emitem uma opinião pessoal. Se fosse pelo efeito a causar; bastaria. A impressão causada já faz uma preparação para o pior. Sem esforço, semelhante elaboração consegue criar uma aversão na consciência dos que me escutam,

fosse o que fosse dizer, meus interlocutores se alinham do outro lado. Sendo guardião de tanto segredo alheio, ao invés de retrair-me, digo da suprema dor, ainda que passageira, por haver perdido os sentidos. Meus olhos misturam olhares e lágrimas em evidente demonstração do meu penar. A perda nivela todas as diferenças, não basta dar-lhe menor importância. A agonia se ensaia diversas vezes perturbando a vontade de pensar. Recolhido busco nesses interlocutores que estão diante de mim, alguma vantagem, um pensamento comprometido com a minha dor. Meu olhar busca o perdido disfarça a aceitação de uma despedida não optada. Ele é a imagem do sentimento que me domina, a alma vaga no lugar em que imagino que a paz possa estar. Limitado a executar esta sina, resigno-me numa perpétua solidão como um caçador do passado, e ali vivo recolhido.

SIMPLES FOTOS TANTAS LEMBRANÇAS

Espero que me alcance toda a memória, que ela seja suficiente para montar meus sentimentos. Induzo uma busca ao passado, vejo os velhos retratos dispostos, atemporais, intransigentes, parados no tempo como cada um ali se eternizou: domesticado, impávido, inútil, sem mímica, congelado em seus sentidos. Com medo de sofrer, parei de pensar, exortei a paciência para que ela se afinasse com a demora. A pressa contradiz o tempo do prazer, que necessita de tempo para viver. Recupero aquela junção infinita entre o que eu sei e o que as fotos insistem em me mostrar. Elas consolidaram sal na memória viva.

Já estive próximo do esquecimento, quando desprezei as provas evidentes guardadas. Recolhido no meu isolamento, aproprio-me do que acredito ser meu.

A PALAVRA SOBERANA

Contradizendo as indicações, tomei o caminho mais longo. Necessitado de uma nova linguagem, jogo com as palavras para fazer-me entender. Meu sentir, difícil de nomear, percorre mistérios. Conto sobre o que se cansou de não ser visto, o eu que se escondeu nas sombras, que se ocultou no esquecimento. Esse sentir de ruídos traz o anseio da quietude. A palavra, soberana, cria marcas solidárias surge inesperadamente torna vivos os conceitos, constrói a memória, desabitua a alienação. Assim, ressuscito tudo que sendo meu ou alheio, me pertence.

Pouco me importa dizer sobre essas coisas do prazer, do sofrer; não me pertencem exclusivamente, são do mundo e de nós todos.

Se não saírem flores, prometo que apresentarei raízes.

ALGO MAIS DO QUE FOTOS

Quando posso exibo os feitos de uma veracidade mais ou menos duvidosa, exalto a memória. Certo aroma confirma minha roupa de domingo, o escudo do colégio de infância, uma foto da banda marcial, outra do time de futsal. Inevitável conviver com isso: algumas lágrimas, escalafrios e um olhar agradecido. Em cada foto um elemento significativo que indica o lugar que converti em saudades.



MEU CENTRO

Prescritas as penas, eliminadas as oposições à existência, um amor sem precedentes pede preferência e cuidados até alcançar a condição de especial. Ele me pede atrevidas garantias de que meu conteúdo não se desviará, que não sou só palavras. Embora encantado, reajo. Há dúvidas, elas chegam em um voo rasante, fulminam meu estado de ânimo. Embora encantado,

reajo. Faço minha uma necessidade extrema de converter e desempenhar as dúvidas. Confiro o que me resta de paciência. Desapego-me da autenticação cartorial que pouco sabe de mim. Gravito na direção desse amor para fazê-lo o centro de todas as coisas.



DIFÍCEIS PORTAS

O sonho e o futuro seguem em outra parte, ainda não me atrevi a gritar todas as dores. Ainda recebo amores com o mesmo reverente temor, pois considero que a realidade confirma que um agregado de constatações passa longe se a acolhida não propiciar uma recepção. As difíceis portas da paz só me deixam entrar quando revelo meus segredos.

ALEGRIA VENCIDA

Não acumulo tantas buscas, busco uma coisa de cada vez para não tumultuar a procura. Evito a euforia, a infundada previsão, o inútil presságio, expor as entranhas, morder a língua, sair do sonho. Evito o “não”, a piedosa mentira, a luta vã, vento na cara e a traiçoeira ironia alheia. Prefiro água pura, vegetação teimosa, insistente.



OUTRO CARNAVAL

Filtro as imagens mais puras, cismo com os dominós e as mascaradas que se infiltravam no meu carnaval entre lança-perfume, confete e serpentina. Como outrora, um arlequim passa a mão na minha pequena cabeça, o pierrô namora em boa companhia, gastando toda a vontade para não se arrepender. Vejo palhaços suspirando enamorados, abraçados às odaliscas, os corpos estremecendo até faltar o ar e o chão, gente

troteando, montada uma na outra, cavalgando ardores agravados. Quantos mistérios autorizados naqueles dias impuros, agarrados em encontros furtivos e rostos escondidos em licenciosidade como adereço. Um índio chora abraçado a uma Maria Antonieta, ignorando meu olhar infantil que se estende por uma planície que só tem no meu sul. No baile a que eu assisto, pajens adormecidos, qual morenos anjinhos, suam no seio das mães vestidas de havaianas, lânguidos e desmaiados pelos perfumes embriagantes. Beijando os cabelos de um sátiro, uma índia abandona sua praia deserta para fazê-lo gemer de amor, oferecendo um colo cheiroso. Um seresteiro enlouquece a donzela que respira seu canto, sonha e dorme junto dele. Que se cale essa fértil memória que não descansa de tantas venturas e furta-me a paz.

MEU AFETO

Já não procuro, fui encontrado por um afeto antigo, perdido, suponho tão surpreso quanto eu pelo inesperado. Impactado, vi que ele se acoplou a mim como uma nave, parecendo haver sido esse seu eterno lugar. Ele se aproxima curioso, pergunta-me por onde e com quem andei, com que afetos vivi, e conta-me que esperou pacientemente a ocasião. Com a intenção de não ser visto, havia se disfarçado de todas as formas e sentidos: estive comigo como amigo, solidário em sua descrição, guardou minha inocência e outras criancices.

Esse afeto chegou até a minha alma, fica ao meu lado enquanto ponho no papel esses segredos que chegam, soprando a brasa dormida.

RETORNO

Atraído pelo tempo que passa mudo, alimento ilusões de eternidade, feliz como aquele que encontra o refúgio depois de tantas solitárias tentativas. Encurtado o “mais tarde”, resta pouco tempo para manter a calma enquanto a célula vibra avançando em velocidade tão descompassada que me ultrapassa. Depois de horas de espera, em um segundo tudo se acalma, a pulsação acelera esse momento de descanso. O tempo me segue de perto, provoca o longo e o curto prazo. Diante do tempo, todas as tréguas são parciais, pouco úteis e não praticáveis as magias e os apelos. As chegadas perdem para as partidas e, computadas, as despedidas ultrapassam a quota e a tolerância.

ALTERNATIVAS

Cessei o medo, desarrumei a substituição, preferi hábitos mais saudáveis. Encontro-me um pouco diferenciado daquele que fui, preferi não legitimar os lamentos para não colher neles desculpas compensatórias. Pretendo manter um interesse que me reforce a motivação para ter menos receios. Posso dizer, num breve balanço, que me cuido mais.

Cada qual segue suas convicções, oscilo com as minhas. No afã de encontrar uma saída, gero desgastes, legítimo proteções, medos exagerados, evitações excessivas, mas mantendo baixo dano e pouco risco.



MAIS UM OUTUBRO

Fez-se mais um outubro na minha vida. A cada aniversário, sinto em mim uma pena que assume proporções de alegria.

Tenho uma alma que já não necessita de convites.

Apresenta-se só, faz o espetáculo, desempenha-se melhor do que eu. A comovedora vida, deriva-me todos os anos, um punhado de natureza que me é ofertada quase sem custo.

Uso umas expressões mundanas, parablenizo-me sem excessos para não ficar mal acostumado com as aceitações derivadas do amor egóico.



DEGELO

Vou-me. Descongelando o coração, levo comigo a alegria de haver estado no paraíso. Forjado meu gostar, aprendiz de outras importâncias, meço forças com a tentação para suspender as atuações que se me tornaram irregulares. Sabedor da diferença entre me esconder na cidade e aparecer no campo, entre a urgência e a pressa, opto pela calma, não vivo mais de acessórios, no máximo suspensórios, para que não me caia o projeto de viver bastante, e sim o máximo que possa.

CONTO OS LAMENTOS

Conto em lamentos os desgostos tidos, dimensiono o quanto choro pelas desventuras que marcaram profundas feridas. A vida me trouxe poucas rebeliões, bateladas de castigos e culpas incontáveis. Aviltado em meus direitos, zombei de mim mesmo fazendo algazarra sobre os vestígios das humilhações sofridas. Uni com cimento os afetos para que endurecidos mantivessem certa independência. Levo o luto posto na falta de sorriso, o abraço estreito, na acolhida reduzida. Desacostumado, não abraço nem beijo, me restrinjo a uma solidão onde fico absorto em pensamentos. Mortificado, guardo em segredo algumas tristezas infundas.

SOBREAVISO

Estou de sobreaviso, fica cada vez mais difícil transmitir o amor que sinto, faço uma mordada, Todavia, acumular o sossego me faz mal, me endurece o vínculo, arranca-me os meios de proteção. Procuo guarnecer minha alma acidentada para que ela combata os fracassos do amor.



MAIS UMA CANÇÃO DE AMOR

Tento ter a paciência que se faz necessária diante dos perigos expostos. Evitei o desafio para não perder a energia diante do susto. Tentou-me a heroicidade, quase me deixei seduzir, o medo foi maior, considerei a reputação menor que a sobrevivência. Temporizei com a minha vontade de seguir vivo. Qualquer insana fantasia de enfrentar o mar e a pedra eram espua nas ondas. Sondei, não eram simples gestos, era a realidade, não era cenário. Alegando covardia, apeteceu-me ficar em terra firme.

GENTE NOVA

Sonego à minha consciência as dificuldades mais difíceis, tendo a dissolvê-las pouco a pouco, uma força mais poderosa que meu fracassado disfarce se ri de mim, descrente do meu êxito.

Minha tentativa sugere sortear gente nova como companhia, alguém que queira transpirar comigo, que elimine minha solidão, que se meta na minha pele, releve minha intolerância, amacie o espanto. Quero alguém que retarde e interrompa minha desistência, que me prive da decepção, que colabore com o pão e o vinho, que não me induza ao erro, que me outorgue liberdade, que fale o suficiente e o necessário, que resista aos assédios, que me proteja de suas lamúrias, que me suporte, aguente, confirme meus exageros e me segure para que não cair.

PARTIDAS

Partir, sem se permitir o retorno, quase se exilar. Afastar a vontade de ficar, servir longe, munir de força suficiente a coragem, prevenir um mal futuro, abrigar-se da dissintonia, anular as disposições, as boas vontades, as tolerâncias, as distorções, os encontrões. Ajustar o desejo à recepção oferecida.



SOBRE O MUNDO QUE ME CERCA

Ando atrapalhado por causa do mundo que me cerca, muitos negócios, tantos sacrifícios, tanta gente esquecida.

Persuadido a reunir todos, aproveito a ocasião para dizer o que sempre havia calado. Revi amenidades, gravidades, idiotas reverenciados, gravidezes não desejadas, batismos pagãos, flores artificiais, cultos indecifráveis, arsenais atômicos omitidos. Tenho saudades dos passes de Didi e dos dribles geniais de Garrincha. Reverti esforços mal dirigidos. Robusteci

minhas crenças no tesouro que é a prole. Revidei as ofensas maldosas e outras provas de ameaças a mim e aos meus. Devoro aos poucos os muitos ódios que permanecem fazendo a ronda nas fronteiras dos meus limites. Apesar da vontade torrencial, enormes são os recuos. Arremessados ao meu imaginário, meus ódios desgovernados roubam a cena sabotando essa falsa tranquilidade que tento manter aparente. Não tenho dito, mas odeio esse falso mundo do dinheiro que mente uma liberdade que só é oferecida a uns poucos, esse falso mundo dos títulos imerecidos. Evito esses acordos que pregam e autorizam a mentira de ir e vir, que permite e legaliza todo tipo de poderosos mandarem no voto, no votado e no eleito. Nego-me a pertencer a esse hipócrita sistema que autoriza o poder e as armas. Critico aqueles que falam do preconceito porque são eles os mais preconceituosos. Sempre que posso, afasto de mim os abusadores de poder, os invasores, os violadores dos direitos das pessoas. Eles são uma minoria, mas mandam no mundo. Funcionam corporativamente, não se misturam, acham-se superiores. Eles são os arrogantes, os presunçosos que espalham sementes de autorização para criar culpa naqueles que os cercam. Ajudam-se entre si, moem

as culturas praticando o culto ao seu único ídolo: o dinheiro. Declaram que deus lhes é favorável, e que réus são sempre os outros. Sentimentalizam a história para tirar proveito dela, gemem para serem ouvidos. Eles anexam, fingindo que unificam. São terroristas de Estado. Fazem-se representar por inocentes úteis que sentenciam e não sabem o que pronunciam, não sabem da raiz, do dano. Julgam sempre contra o menor, farsando serem “amigos do rei”.



A PAZ ALTERADA

Por ora tenho nas mãos uma delicada, triste e constante razão para não entrar nos teus segredos. Nunca ousei perguntar miudezas da tua vida íntima. Pela grande afeição, cogito pensar no grande risco que corro, vagueando e insistindo em tirar o sossego do passado, dando voz ao silêncio.

Chegar ao ponto de não gozar arruína, desnorteia a quem, como eu, vivo de abraços. Autorizado a fazer uso

dos momentos lúdicos, executo, por meio da palavra, uma confissão: não é possível desfazer a ambivalência. Romances assim alimentam mágoas, entram em rota de colisão, o desassossego põe no meu coração um registro de medo promove a fuga, dispersa.



A CÉU ABERTO

Não costumo ouvir queixas que não seja a céu aberto. Ouvir murmúrios, confunde. Em seu lugar, verto uma prudência que atravessa o espírito, aproximando com a intriga.

Aqueles que burlam não me alcançarão para envolver-me em suas ações.

AS LIBERDADES PERDIDAS

Sem consciência, posso capitular ante a própria ingovernabilidade. A subsistência cotidiana me tira a concentração, a energia e a consciência que dá noção de pertinência e de cuidado da própria satisfação. Isso me rouba a criação, deixa-me funcional, me danifica intimamente. A rede de aparências me corrói de cima para baixo. A perda da liberdade promove uma desistência que me leva a fazer cada vez menos, esquivando-me para não ser solicitado, para não chamar a atenção e ser visto na minha inatividade. Esses conflitos confiscam minha liberdade, que, amputada pela servidão e pela insegurança abre espaço em mim para um medo amargo.

Se depender da minha vontade, ainda a tornarei inviolável.

PARA QUE EU VEJA

Todas essas belezas que me inspiraram a história, aquela que mais excitou minha imaginação brotaram das flores das florestas anunciando uma reiteração perpetua, uma juventude que desperta todas as fantasias dissociadas, integralmente sequenciadas numa vasta corrente colorida. Transportadoras de sentimentos, visam manter despertadas as emoções provocando naqueles que as contemplem a vontade de brincar com a natureza. Organizada a folia, se libertariam os sonhos, deixaríamos falar a imaginação. Na festa dos bosques o arrebatamento movido à paixão conduzirá os corpos até a exaustão. Entre trágicos gozos, esquecidas as moderações, se produzirão os namoros ilícitos sustentados por esperanças de retorno.

Toda tentativa de definição cairá por terra para que eu veja na cena combinando episódios, personagens, encobrendo de acordo à conveniência os efeitos clássicos do prazer desfrutado, pelo valor fascinante.

Roberto Curi Hallal

